ANTROPONÍMIA EM LIBRAS: ANÁLISE DE SINAIS-NOME ATRIBUÍDOS POR SURDOS

ANTHROPONYINMIA IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: ANALYSIS OF NAME-SIGNS ATTRIBUTED BY DEAF PEOPLE

Ketlen Cristina dos Santos Oliveira Menezes[1]
[https://orcid.org/0000-0001-9926-3748]

Alexandre Melo de Sousa[2]
[https://orcid.org/0000-0002-2510-1786]
DOI: http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.15036

RESUMO: No campo dos estudos do léxico, a Antroponímia (uma das subáreas da Onomástica) se dedica ao estudo dos nomes próprios de pessoas. Embora haja inúmeros trabalhos antroponímicos em línguas orais no Brasil, ainda são poucos os estudos com foco nas línguas de sinais. O presente artigo tem como objetivo analisar os sinais em Libras que nomeiam acadêmicos ouvintes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre. Os dados foram coletados por meio de entrevistas filmadas entre os anos de 2020 e 2021. A análise segue a proposta de Barros (2018), que considera três grupos de aspectos motivacionais: Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC) e Empréstimo da Língua Oral (ELO). Os resultados foram quantificados e revelaram que, dos sinais coletados, 55% são motivados por AF; 35% por ELO + AF; 5%, por AF + AC; e 5%, por AC + AF. Quanto ao contexto de batismo, 75% dos entrevistados informaram que seus batismos foram coletivos e 25% foram individuais.

Palavras-chave: Léxico; Antroponímia; Libras; Sinais-nome.

ABSTRACT: In the field of lexical studies, Anthroponymy (one of the subareas of Onomastic) is dedicated to the study of people's own names. Although there are numerous anthroponic studies in oral languages in Brazil, there are still few studies focusing on sign languages. This article aims to analyze the signs in Brazilian Sign Language (Libras) that name academics who are listeners of the Course of Letras-Libras of the Federal University of Acre (Brazil). Data were collected through recorded interviews between 2020 and 2021. The analysis was based on Barros's proposal (2018), which considers three groups of motivational aspects: Physical Aspect, Behavioral Aspect, and Oral Language Loan. The results were quantified and revealed that 55% are motivated by Physical Aspect, 35% by Oral Language Loan + Physical Aspect, 5% by

1 Professora bilíngue (Libras-Língua Portuguesa) da Secretaria de Educação do Município de Rio Branco. Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre.

2 Doutor em Linguística com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras (UFSC). Professor de Linguística na Universidade Federal do Acre, em níveis de Graduação e Pós-Graduação.

Physical Aspect + Behavioral Aspect, and 5% by Behavioral Aspect + Physical Aspect. Regarding the context of baptism, 75% of the interviewed people reported that their baptism was collective, and 25% was done individually.

Keywords: Lexicon; Anthroponymy; Brazilian Sign Language (Libras); Name-signs.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, os primeiros estudos linguísticos com foco na Língua Brasileira de Sinais (Libras) iniciaram na década de 80 com os trabalhos de Ferreira-Brito (1884, 1990, 1995), contudo, somente em 2002, com a Lei nº 10.436, a Libras é reconhecida como a língua dos surdos brasileiros e, logo depois, com o Decreto nº 5626/2005, há a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura e de Fonoaudiologia. No ano de 2006, foi criado o primeiro curso de graduação em Letras Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina (QUADROS, 2013).

De acordo com Quadros (2013; 2019), o reconhecimento legal da Libras, somado à criação e à expansão dos cursos de Letras-Libras pelo país, impulsionaram as pesquisas aplicadas à Libras nos seguintes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico, textual-discursivo e léxico. Neste artigo, interessa-nos o âmbito lexical, especificamente a nomeação de pessoas em Libras, já pesquisada por Souza e Gediel (2017), Barros (2018), Oliveira, Sousa, Gonçalves-Filho e Stumpf (2020), Rech e Sell (2020) e Sousa, Oliveira, Gonçalves-Filho e Quadros (2021).

Nosso principal objetivo é analisar os sinais-nome dos ouvintes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre (UFA), quanto aos aspectos motivacionais. Para tanto, foi realizada a coleta dos sinais-nomes dos alunos ouvintes do curso de Letras-Libras em ficha proposta por Sousa, Oliveira, Gonçalves-Filho e Quadros (2021), para a análise dos fatores motivacionais na criação dos sinais-nome, seguindo a proposta de Barros (2018).

O presente artigo constitui uma pesquisa maior – Menezes (2021) – desenvolvida no àmbito do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre.

2 LÉXICO, ONOMÁSTICA E ANTROPONÍMIA

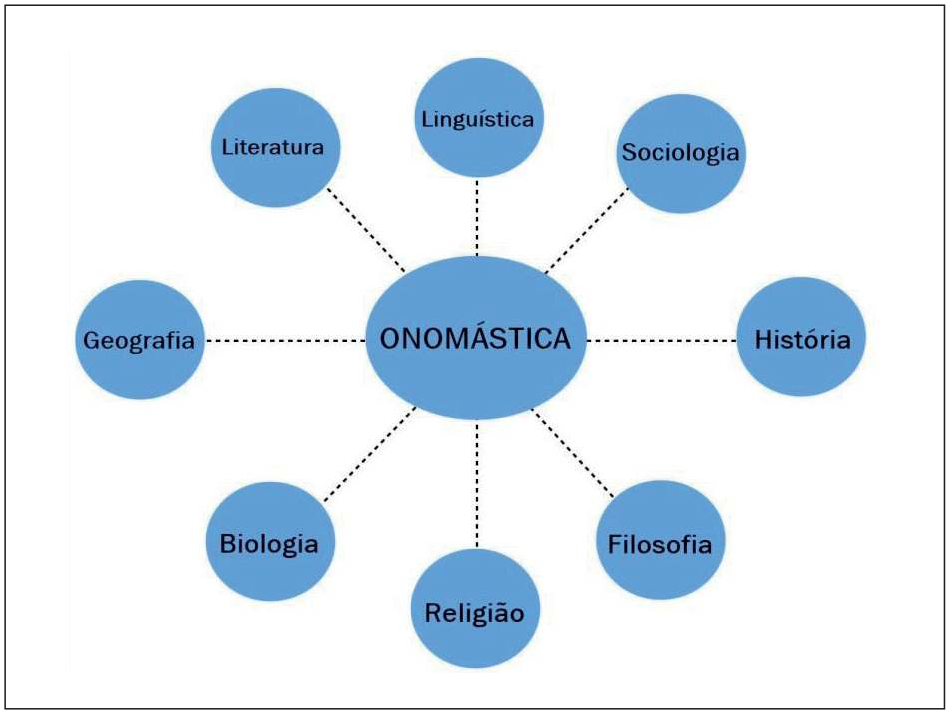
Todo grupo humano possui sua marca cultural, visão de mundo, tradição e seu modo próprio de se organizar em sociedade. Para que isso ocorra, é necessário nomear o universo que está ao seu redor, e isso é feito por meio da palavra, do léxico, que constitui "um patrimônio vocabular" de determinado grupo e é construído "ao longo da história" dinamicamente (BIDERMAN, 2001, p. 14). Antunes (2012, p. 28), por sua vez, afirma que "todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa." Podemos entender, assim, que o léxico é um elemento social, dinâmico, aberto, instável e que é gerado para atender a uma necessidade principalmente interacional.

Em meio aos estudos dedicados ao léxico, destacamos a Onomástica que se dedica aos estudos dos nomes próprios de maneira geral e possui duas subáreas principais: a Toponímia (estudo dos nomes próprios de lugares) e a Antroponímia (estudo dos nomes próprios de pessoas) (DICK, 1990; SOUSA; DARGEL, 2017).

CC BY NC SA

Sousa e Dargel (2017) explicam que a Onomástica constitui uma área interdisciplinar, pois, ao estudar os nomes próprios, dados de outras áreas do saber são importantes, como podemos ver na ilustração da Figura 1, a seguir:

Figura 1: Onomástica e Interdisciplinaridade



Fonte: Adaptado de Sousa e Dargel (2017, p. 12)

Como podemos observar na Figura 1, a Onomástica não caminha sozinha. Ela está relacionada com a História, a Antropologia, a Teologia, a Geografia, a Biologia, entre outras. Ao dar nome a uma pessoa ou a um lugar, o momento histórico tem interferência, a cultura influencia, as características físicas (da pessoa ou do lugar) têm reflexo, e as crenças religiosas podem ser um motivador para as escolhas. Portanto, está clara a marca interdisciplinar do estudo onomástico.

A Antroponímia, como uma subárea da Onomástica, também se caracteriza como um capo de conhecimento interdisciplinar que possui como objeto o nome próprio de pessoas. Como bem destacam Amaral e Seide (2020, p. 27):

> Os nomes próprios de pessoa fazem parte do nosso cotidiano e estão presentes em quase todos os atos que realizamos. Em uma apresentação pessoal, seja em um contexto formal, seja informal, empregamos nossos nomes. Para fazer referência a um amigo, um parente, um vizinho, uma personalidade, etc., citamos o nome de cada pessoa. Para chamar alguém, também é muito comum que usemos algum nome próprio se conhecemos uma ou mais denominações do indivíduo. Essas funções de nomeação, referência ou interpelação são comuns no dia a dia de qualquer cidadão.

A presente pesquisa tem foco nos estudos Antroponímicos em Língua Brasileira de Sinais, ou seja, os sinais-nome dados às pessoas ouvintes. Biderman (1998, p. 82) diz que

"[...] o homem primitivo considera seu nome como parte vital de seu próprio ser." Dick (1990, 1992) explica que o estudo dos nomes próprios de pessoas mostra-se como uma marca da cultura, história e identitária de um povo, uma vez que, alguns nomes são escolhidos pelos pais, por diversas razões, como, por terem marcado uma determinada época, pode influência de um filme, de uma pessoa com prestígio social, por artistas, etc.

No caso dos surdos, essa marca cultural e identitária é muito latente, pois nomeia-se a partir do visual, por conta da sua especificidade linguística. O ato de nomear (batismo) já faz parte dessa cultura como um "ritual sagrado". Ao sermos inseridos na comunidade surda,[3] começamos a compartilhar também da sua cultura e vice-versa. O batismo é o momento em que surdos e/ou ouvintes ganham um sinal do seu nome próprio e, a partir disso, é reconhecido por esse sinal, como se uma nova identidade fosse agregada a sua, já que se ganha um novo nome, um sinal-nome. Segundo Barros (2018),

> [...] os sinais-nomes também podem ser dados a qualquer pessoa que, mesmo não interagindo diretamente com essa comunidade, necessite ser sistematicamente referenciada, como por exemplo, presidentes de países, atores, pessoas de destaque local, nacional ou internacional, e até mesmo personagens fictícios, como os de histórias em quadrinho. (BARROS, 2018, p. 41)

Souza e Gediel (2017) explicam que nomear alguém na comunidade surda é um ato prioritário dos surdos (geralmente realizado pelos mais velhos ou por pessoas de referência em um determinado grupo), como forma de respeito à sua cultura, à sua história e à sua identidade. As autoras acrescentam que:

> [...] os sinais próprios também estão relacionados às mudanças sociais e à forma como estas são impressas nas práticas comunicativas, e os autores refletem sobre as normas de linguagem a partir de uma perspectiva sociocultural. Assim, as normas estão de acordo com a realidade social, com os símbolos demarcadores da identidade de grupo e com as convenções comunicativas estabelecidas por ele. (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 167)

Estudar os sinais-nomes de pessoas implica em estudar sua cultura e seu sistema linguístico. No Brasil, não há muitos estudos sobre o tema. A seguir, apresentaremos algumas investigações realizados e suas contribuições para a presente pesquisa.

3 ESTUDOS ANTROPONÍMICOS EM LÍNGUAS DE SINAIS

Os estudos antroponímicos em Libras, no Brasil, iniciam com Souza e Gediel (2017) que pesquisaram os sinais-nomes dados por surdos durante o ano de 2013 e 2014, em uma cidade da Zona da Mata Mineira. As autoras selecionaram o *corpus* de sua pesquisa identificando os surdos que mais nomeavam naquela comunidade, posteriormente os identificando como surdos-líderes. Em seguida, partiram para a observação em campo. "As entrevistas com os Surdos líderes possibilitaram analisar os sinais próprios e perceber as modificações linguísticas de cada um deles." (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 173). Além das características linguísticas analisadas por Souza e Gediel (2017), elas

3 "A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros." (STROBEL, 2009, p. 6).

CC BY NC SA

também tinham como foco demostrar como o ato de nomear é um traço cultura da comunidade surda:

> [...] procuramos descrever o modo como os Surdos líderes compreendem a ação de nomear, como o fazem e qual o significado dessa ação para eles. O processo de nomeação confere uma identidade sociocultural à pessoa Surda, que (re)afirma e demarca uma localização desta no campo discursivo. (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 174)

O foco de Souza e Gediel (2017) era o de analisar quem nomeava (os surdos), quais critérios utilizavam, quem eram os nomeados, qual a estrutura do sinal e qual era a motivação predominante. Além disso, detectar se havia variação no ato de nomear entre os surdos. Para isso, partiram dos seguintes questionamentos:

> 1) qual-primeiro-contato libras? 2) como-você-dar-sinal-pessoa?3) pode-sinal-pessoa-ter-letras português? 4) pode-transformar–sinal? pode-tirar-letra-português? 5) qual-sinal-surdo-você conhece? 1) seu-sinal? 2) por-que-seu-sinal? quem- deu-sinal?3) onde-você- aprender - libras? como-você- aprender-libras? 4) você-conhecer-ministério surdos? qual- sua-opinião? 5) onde-encontrar-surdos-viçosa? (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 173)

Após a pesquisa, Souza e Gediel (2017) verificaram que a nomeação compreende três etapas, quais sejam: a percepção dos indivíduos, a interação social e a atribuição de significado. E quanto mais tempo de convívio entre surdos e ouvintes, menos se utiliza da datilologia ou do empréstimo do português. Também foram detectadas diferenças marcadoras entre os sinais masculinos e os femininos. Alguns surdos preferem fazer a nomeação de acordo com uma característica física do sujeito nomeado, e outros não veem problema em utilizar o empréstimo do português. Por fim, Souza e Gediel (2017) perceberam que, nos sinais-nome, a Configuração de Mão (CM), a Locação (L) e o Movimento (M) são os parâmetros que mais estão relacionados com a característica física ou comportamental.

Barros (2018), por sua vez, apresentou uma proposta metodológica para a pesquisa Antroponímica em Libras. Para isso, a pesquisadora coletou 113 sinais de surdos e ouvintes na Universidade Federal de Goiás, investigando principalmente qual a motivação preponderante na criação do sinal. Após análise dos dados, a pesquisadora agrupou os fatores motivacionais em quatro tipos: "Empréstimo de Língua Oral (ELO), Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC) e Aspecto Social (AS), cada taxe comporta diversas subtaxes." (BARROS, 2018, p. 11).

As taxes, subtaxes e infrataxes são organizadas hierarquicamente, "dispostas em termos de filiação e suas características podem ser melhor e mais rapidamente identificadas." (BUGUEÑO, 2014 *apud* BARROS, 2018). De acordo com Barros (2018), a taxe (ELO) corresponde ao empréstimo linguístico de uma língua oral, no caso da Libras; o português, a taxe (AF) refere-se a algum Aspecto Físico do nomeado; a taxe (AC) está ligada ao comportamento do sujeito, normalmente agregadas à questão do humor; e a taxe (AS) refere-se às práticas sociais, como a profissão, por exemplo. Dentro de cada taxe, há subtaxes que categorizam mais especificamente a relação semântica motivacional do sinal-nome: a) Empréstimo de Língua Oral (ELO): inicialização; uma letra, mais de uma letra, soletração, tradução; b) Aspecto Físico: formato do cabelo, comprimento do cabelo, cor do cabelo, formato da testa, formato da sobrancelha, formato dos cílios, formato dos olhos, cor dos olhos, formato do nariz, formato das bochechas, formato da

boca, formato dos dentes, formato do queixo, presença de sinal; cor da pele, característica marcante de alguma parte do corpo que não a cabeça; c) Aspecto Comportamental (AC): humor; hábito como vestuário, acessório, penteado ou barba/bigode, tiques, atitude, habilidades cognitivas; d) Aspecto Social (AS), como a profissão, um evento, a procedência. Após a análise, Barros (2018) chegou às seguintes conclusões:

> A maioria dos sinais-nomes analisados em nossa pesquisa apresentou uma combinação das taxes, Empréstimo de Língua Oral (ELO) e Aspecto Físico (AF). No entanto, a taxe ELO foi encontrada também combinada às demais taxes, Aspecto Comportamental (AC) e Aspecto Social (AS). Todas as quatro taxes foram encontradas isoladamente nos sinais, porém, em menor número do que combinadas. (BARROS, 2018, p. 22)

Dessa maneira, observa-se que a comunidade pesquisada se utiliza, na maioria das vezes, do empréstimo da língua portuguesa (ELO) combinado com a taxe (AF), o que possivelmente se explica pelo fato de que a cultura surda e ouvintes estão interligados e também pelo fato visual-espacial da língua de Libras.

Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2021) analisaram os sinais-nome de surdos na cidade de Florianópolis com base na proposta de Taxonomia Antroponímica de Barros (2018). Os autores utilizaram 34 entrevistas de surdos do Inventário de Libras do Projeto Corpus/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Já Oliveira, Sousa, Gonçalves-Filho e Stumpf (2020) realizaram um estudo com os sinais-nome de surdos do Inventário de Libras de Florianópolis/SC, com o objetivo de verificar a utilização da escrita de sinais (SingWriting) para o registro das referidas nomeações.

Rech e Sell (2020), por sua vez, analisaram os sinais-nomes de autores e pesquisadores do Manuário Acadêmico e Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com o uso da proposta de pesquisa de Barros (2018). Os resultados foram de encontro com a pesquisa de Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2021) em que a taxe mais encontrada foi a (AF). Já nos estudos de Barros (2018), a taxe que mais predominou foi a (ELO+AF). Para as autoras, essa divergência de resultados se deu pelo público-alvo investigado. Enquanto elas analisaram sinais-nomes de autores e pesquisadores, Barros (2018) teve como *corpus* surdos e ouvintes de uma Instituição de Ensino Superior (IES). De acordo com Rech e Sell (2020),

> [...] nas respostas oferecidas pelas pesquisadoras do INES, foi informado que fotos dos autores/pesquisadores foram utilizadas no momento da atribuição dos sinais de nomes. Assim, com base baseado nas duas pesquisas, parece razoável inferir que aspecto físico é um fator motivante para os sinais de nomes, mas quando os sujeitos surdos não têm muitas informações biográficas a respeito dos indivíduos nomeados, e são expostos a imagens, tendem a atribuir sinais de nomes baseados em suas características físicas. (RECH; SELL, 2020, p. 10)

Diante disso, observa-se que quatro das cinco pesquisas supracitadas foram realizadas com os mesmos propósitos: o de descobrir qual a motivação dos sinais- nome, com o uso da taxonomia antroponímica e com o método proposto por Barros (2018). Essas pesquisas foram realizadas em regiões brasileiras distintas, em contextos socioculturais diferentes e com público-alvo também diversificado. Isso nos possibilita averiguar que a proposta de Barros (2018) se adequa aos diferentes contextos de pesquisas antroponímicas, inclusive a do presente projeto.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para atingir o objetivo proposto para este estudo, selecionamos 20 alunos ouvintes da Licenciatura em Letras-Libras, da UFAC, sendo 10 homens e 10 mulheres em diferentes faixas etárias, dos três últimos períodos letivos, entre 2020 e 2021, lembrando que houve um intervalo devido à Pandemia do Coronavírus que ocasionou a interrupção das aulas. Todos os participantes possuíam sinal-nome atribuído por surdos.

Em seguida, realizamos as entrevistas semiestruturadas através de plataformas virtuais de vídeo com o Zoom, Google Meet e WhatsApp. Foram feitas as seguintes perguntas:

1) Qual o seu nome?
2) Você pertence a qual período letivo atualmente (2020)?
3) Qual o seu sinal em Libras?
4) Qual o motivo do seu sinal?
5) Em que contexto você recebeu esse sinal (quanto tempo de contato com o surdo)?

As entrevistas foram gravadas, com o Termo de Consentimento assinado pelos participantes. Em seguida, gravamos todos os sinais-nome. Cada vídeo contém o primeiro nome do participante em datilologia e, em seguida, o sinal informado por ele. Os vídeos foram armazenados no YouTube, com link privado, tal como listados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Sinais–nome – dados da pesquisa

SINAL-NOME	LINK
ANTÔNIA	https://youtu.be/II9LLb3FbWg
CRISNANDA	https://youtu.be/SlyqCod9sjk
CRISTIANE	https://youtu.be/unuJyACE3WE
DANIELLE	https://youtu.be/25ghM90A4Vw
JERLIANE	https://youtu.be/WM8CY-Bm4Nw
MARIA1	https://youtu.be/eCSHVLmDhOQ
MARIA2	https://youtu.be/mkjE5l0W5Jo
MARIZETE	https://youtu.be/CcYZt2Rnt00
ROSÂNIA	https://youtu.be/GPKwJ0-Q13k
THALYA	https://youtu.be/SvhFs7ij7U0
AMARILDO	https://youtu.be/pU-0GMopSTA
ATAILTO	https://youtu.be/eZ1WfIOFYks
CLEYTON	https://youtu.be/5dki_x2wr7A
FÁBIO	https://youtu.be/mBKDF2A5I8o
FELIPE	https://youtu.be/af95Iq2SRKo
FERNANDO	https://youtu.be/aQVhYQRpXLs
MATHEUS	https://youtu.be/aZ9YhIOzFoA
TIAGO	https://youtu.be/1GzPHVN2ppo
VICTOR	https://youtu.be/IEHmGbLrFwM
WESLEY	https://youtu.be/GoQMOnZXYx8

Fonte: Elaborado Pelos autores.

Os dados extraídos das entrevistas e organizados para o presente estudo foram catalogados em fichas antroponímicas, conforme a Figura 2, a seguir:

Figura 2: Ficha antroponímica

Antropônimos em Libras: Sinais-nome dos ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre

Nome em Português	Fábio
Sinal-nome em Libras SignWriting	
Taxe	Empréstimo de Língua Oral (ELO)+ Aspecto Físico (AF)
Subtaxe	Inicialização+ presença de sinal
Contexto de batismo	Individual
Tempo de contato com o surdo	2 meses
Outras informações	Informante: 7° período
Fonte	https://youtu.be/mBKDF2A5l8o
Pesquisadora responsável	
Data da coleta	08 de fevereiro de 2021.

Fonte: Menezes (2021).

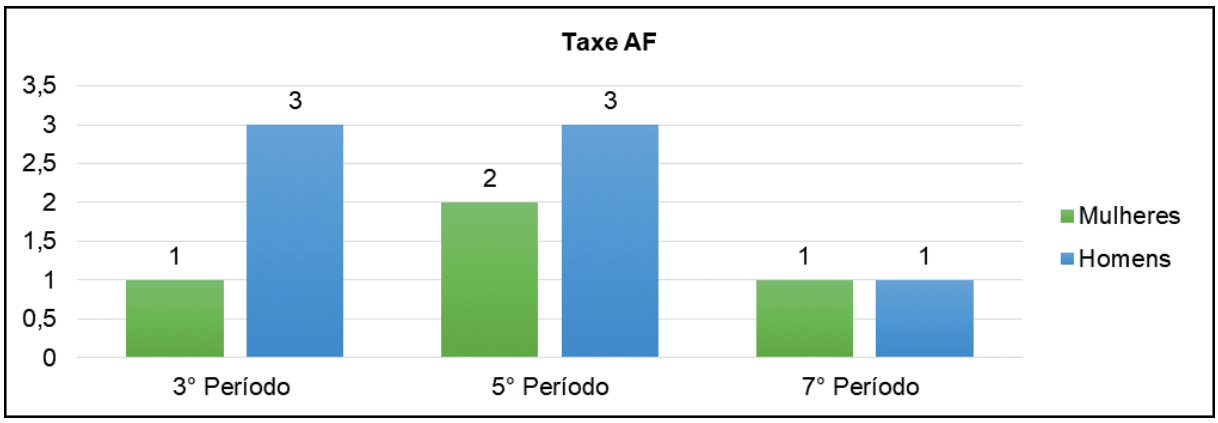
Cada ficha contém o primeiro nome do informante em português, o sinal-nome em escrita de sinais *SignWriting,* taxe, subtaxe, as informações do grupo pesquisado, fonte, pesquisador responsável e data da coleta. De posse dos dados, passamos para a análise dos sinais-nome. Utilizamos a proposta taxionômica de Barros (2018), e cada sinal foi classificado por uma taxe ou uma combinação de taxes. Os dados foram distribuídos quantitativamente, conforme análise apresentada a seguir.

5 ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos dados analisados, o maior quantitativo foi de sinais com referência aos aspectos físicos (AF) dos sujeitos nomeados. Dos 20 sinais analisados, 11 refletiram características do cabelo, do rosto etc. Esses dados somaram 55% do total, como é possível visualizar no Gráfico 1, a seguir. Vale destacar que o gráfico está organizado pelos períodos letivos dos participantes da pesquisa:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

Gráfico 1 – Distribuição percentual da Taxe AF

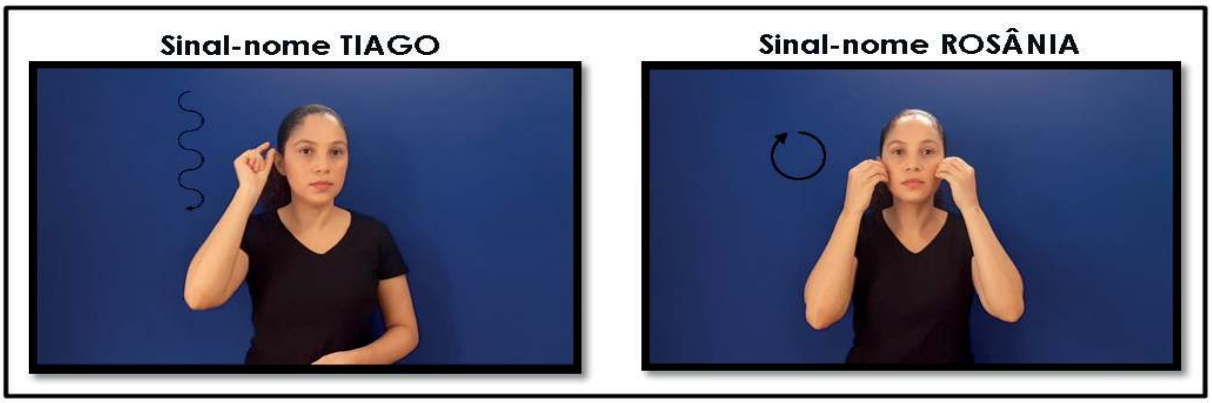


Fonte: Menezes (2021).

Os dados constantes no gráfico 1 mostra que o quinto período apresenta o maior quantitativo de taxes relacionadas ao aspecto físico (AF). No gênero feminino, as subtaxes do AF relacionaram-se ao formato das bochechas e ao formato da boca. Já em relação ao gênero masculino, as subtaxes destacaram a presença de algum sinal (marca de nascença ou cicatriz) e o formato do cabelo. Esses dados foram descritos em Menezes (2021).

Quanto ao quantitativo do terceiro período, em relação ao gênero feminino, a subtaxe encontrada foi a presença de sinal e, no gênero masculino, foi o formato do cabelo e a presença de um sinal. Em relação ao sétimo período, a somatória dos gêneros masculino e feminino foram equivales. Foram referenciados nos sinais-nome, nesse grupo: o formato das bochechas e o formato do cabelo, respectivamente. A figura 3, a seguir, apresenta dois exemplos de sinais classificados na taxe Aspecto Físico (AF).

Figura 3 – Exemplos de sinais-nome taxe AF



Fonte: Menezes (2021).

Os dados aqui apresentados e descritos em Menezes (2021) vão ao encontro com os resultados da pesquisa de Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2021),

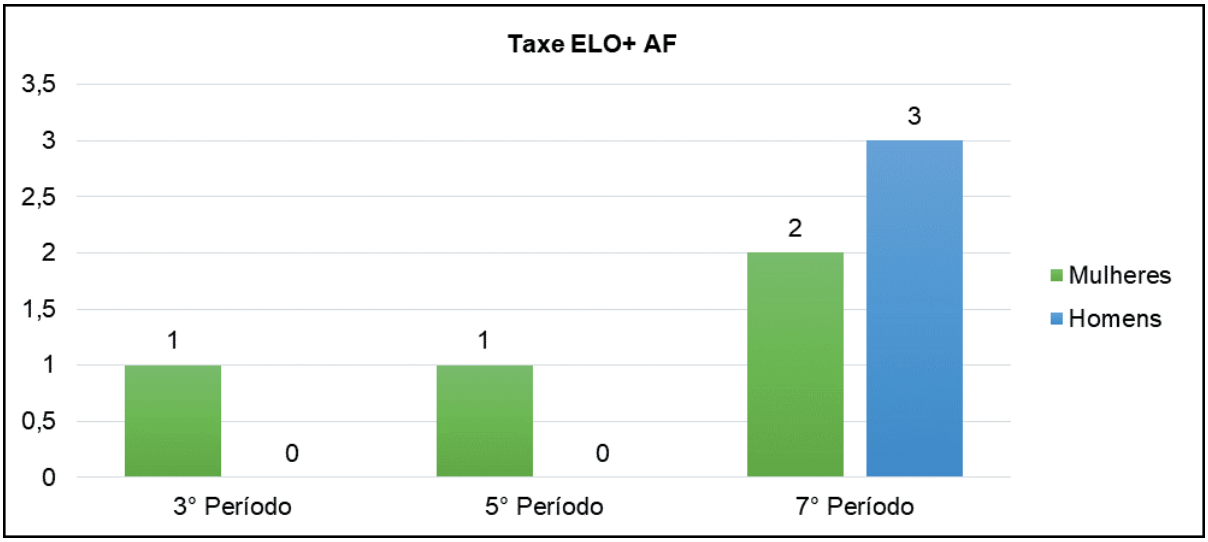
quando analisaram os sinais-nome na cidade de Florianópolis; e de Rech e Sell (2020), que investigaram a motivação dos sinais-nomes de autores e pesquisadores do *Manuário Acadêmico e Escolar* do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Nessas pesquisas a motivação preponderante na criação dos sinais-nome foi a relação quanto ao aspecto físico dos nomeados.

Sousa, Oliveira, Gonçalves Filho e Quadros (2020) explicam que os aspectos físicos considerados pelos surdos no ato de nomear demostram e evidenciam a importância da experiência visual no ato de nomear. Para Rech e Sell (2020), por sua vez, o que justifica a prevalência de sinais motivados por aspectos físicos é o fato de muitos surdos não conhecerem a biografia dos autores e pesquisadores. Barros (2018) ressalta que a escolha das taxes pode variar de acordo com a comunidade surda de cada país. Nas palavras da pesquisadora:

> É importante lembrar que esses usos são compatíveis com a cultura da comunidade surda brasileira e que podem variar de acordo com a cultura de cada comunidade. Por exemplo, o uso da taxe Aspecto Físico no Brasil é bem aceito, e até desejado, portanto, é comum que ela seja incluída no sinal-nome de uma pessoa. Em outras culturas, pode ser que essa taxe seja evitada. (BARROS, 2018, p. 60)

O Gráfico 2, a seguir, apresenta a distribuição percentual da Taxe ELO + AF, que associa o empréstimo da língua oral e a referência ao aspecto físico na formação do sinal-nome.

Gráfico 2 – Distribuição percentual taxe ELO + AF



Fonte: Menezes (2021).

A segunda taxe mais produtiva nesta pesquisa foi a junção do Empréstimo de Língua Oral e Taxe Aspecto físico (ELO+AF) representando 35%. Quantitativamente, o sétimo período apresentou um total de cincos sinais motivados por ELO+ AF, com três homens e duas mulheres. Foi a maior somatória.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

Em relação à preponderância das subtaxes, o empréstimo de língua oral, de modo especial a inicialização, apresentou relevância entre o gênero feminino. Em relação ao aspecto físico, destacou-se o formato das bochechas. Os três representantes do gênero masculino tiveram como subtaxe predominante no ELO a inicialização e uma letra, e no AF foi a presença de sinal. A subtaxe inicialização, conforme Barros (2018), corresponde à primeira letra do nome ou do sobrenome em português de quem foi batizado.

> Inicialização: uso de configuração de mão que representa a letra inicial do nome da pessoa em língua oral, seja apenas do primeiro nome, ou de nome e sobrenome. Exemplos: configuração de mão em "M" no sinal-nome da pessoa cujo nome é "Maria"; combinação das configurações de mão em "J" e "S" no sinal-nome da pessoa cujo nome é "José Silva". (BARROS, 2018, p. 52)

Segundo Barros (2018), a subtaxe uma letra, diz respeito a qualquer letra que não seja a inicial do nome da pessoa, ou seja, pode ser qualquer letra presente na constituição do nome do sujeito nomeado. No ato de nomear, uma das primeiras informações que os surdos querem saber é o nome da pessoa em Língua Portuguesa. Esse fato pode indicar a influência da língua oral na hora de nomear.

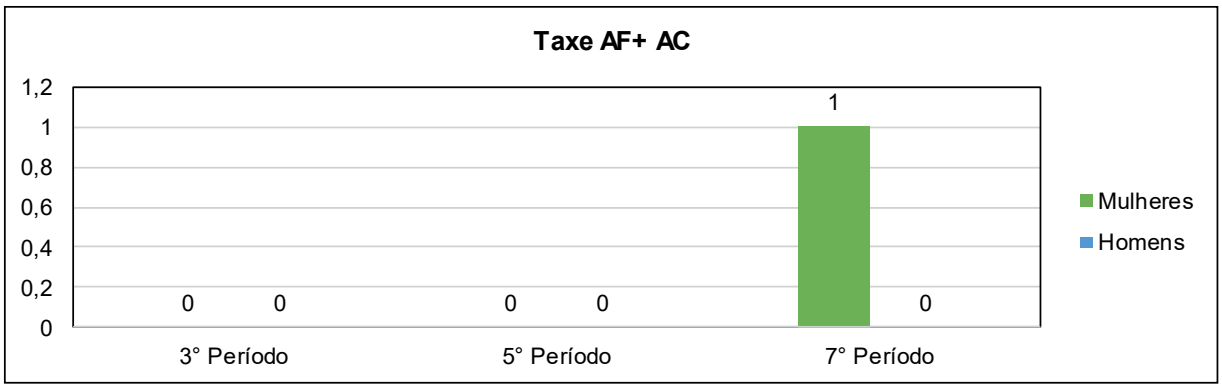
O quinto e terceiro períodos apresentaram o mesmo quantitativo, com duas mulheres em cada, e as mesmas motivações: na taxe ELO há a subtaxe inicialização e, na taxe AF, há a subtaxe formato das bochechas.

Souza e Gediel (2017), no desenvolvimento da pesquisa, questionaram os informantes surdos se, no processo de nomeação, é comum fazer uso de letra do nome própria da pessoa em língua oral. Entre os três surdos entrevistados pelas autoras, um respondeu que faz uso da datilologia na formação do sinal-nome. Outro surdo disse que o uso da língua portuguesa deve ser arbitrário, ou seja, sem ter relação com o nome próprio do sujeito nomeado porque a Libras tem autonomia linguística. Já o terceiro surdo respondeu que faz uso de alguma característica física mais uma letra do português que não tenha relação com o nome do sujeito. Com base nessas respostas fica evidente que cada surdo pode adotar ou não o empréstimo de língua oral, e isso pode estar relacionado, inclusive, a uma questão cultural. Observa-se que, ao longo dos anos, os surdos mais jovens tendem a diminuir o uso do português ao nomear, e veem isso como uma forma de afirmação da Libras enquanto língua autônima que não necessita de uma língua de "apoio", o português. E quando utilizam a taxe ELO, na maioria das vezes, é em combinação com outras taxes.

É válido acrescentar que esse tipo de influência da língua oral foi observado nos estudos de Sousa (2019, 2021) sobre os sinais que nomeias espaços geográficos, como cidades, bairros, etc. – que também constituem nomes próprios.

O Gráfico 3, a seguir, apresenta os números percentuais relacionados à combinação das taxes AF e AC, nos dados analisados:

Gráfico 3 – Distribuição percentual taxe AF + AC

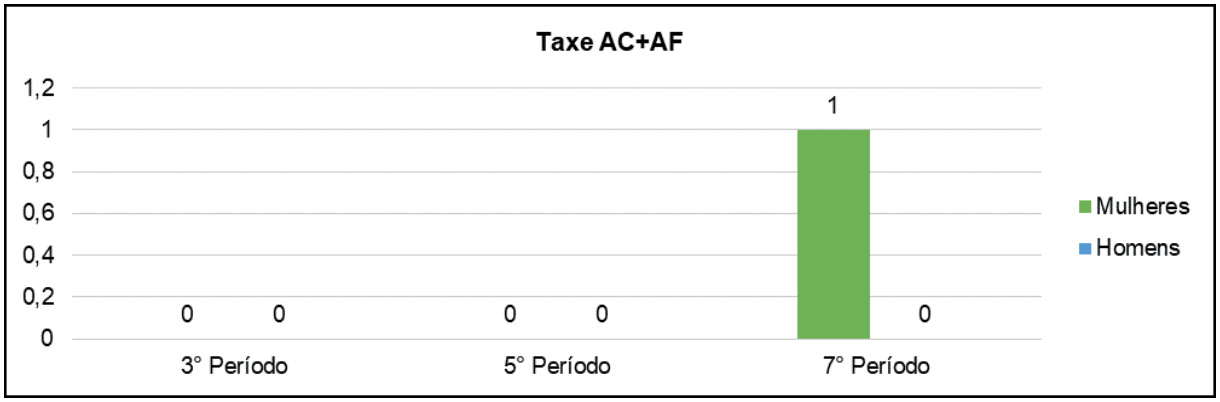


Fonte: Menezes (2021).

A junção das taxes AF+ AC foi a terceira mais presente dentre os 20 entrevistados, com apenas uma representante do gênero feminino no sétimo período. Na Taxe AF, a subtaxe evidenciou o formato do cabelo e, na taxe AC, a subtaxe foi o hábito e a infrataxe foi o acessório. De todos os sinais pesquisados, esse é o único que apresentou infrataxe, como mostramos em Menezes (2021).

O Gráfico 4, apresentado a seguir, ilustra a distribuição quantitativa da taxe AC combinada com a taxe AF.

Gráfico 4 – Distribuição percentual taxe AC + AF



Fonte: Menezes (2021).

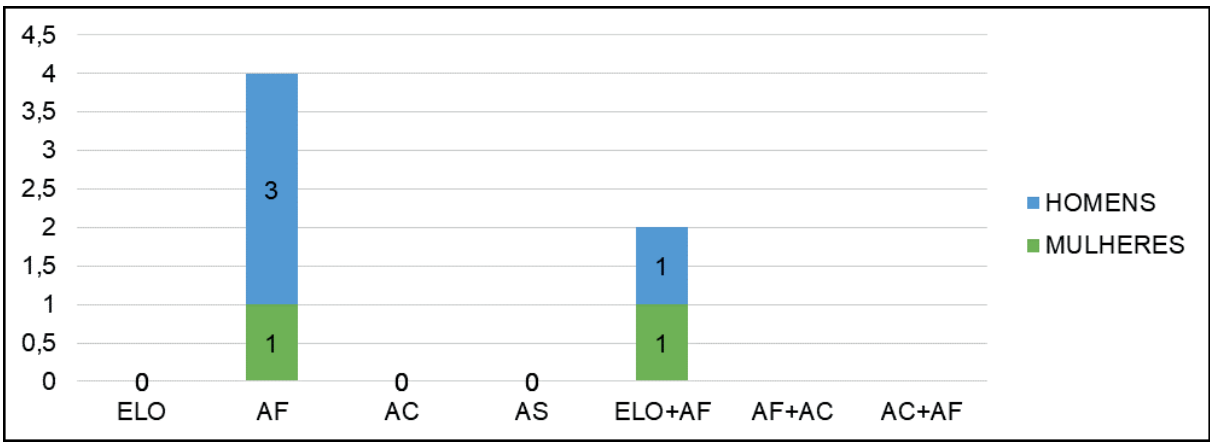
A taxe AC+ AF apresentou o menor quantitativo entre os dados – semelhante à taxe apresentada anteriormente – com apenas uma mulher no sétimo período. O aspecto comportamental teve como subtaxe o hábito, e infrataxe acessório, e o aspecto físico foi o formato dos dentes.

Numa visão geral dos dados, observarmos que a taxe AF esteve presente em todas as motivações, seja ela isoladamente, com um maior percentual entre todas as motivações ou combinada com outras taxes.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

Após a divisão de taxes com maior ocorrência para a de menor ocorrência, traçamos um panorama das taxes por período, para entendermos como a motivação estava sendo distribuída entre períodos diferentes. Vale considerar que a maioria dos entrevistados foi batizada pelo mesmo sujeito surdo, nas turmas em que há surdos matriculados: o quinto e o sétimo períodos.

Gráfico 5: Taxes do 3° Período

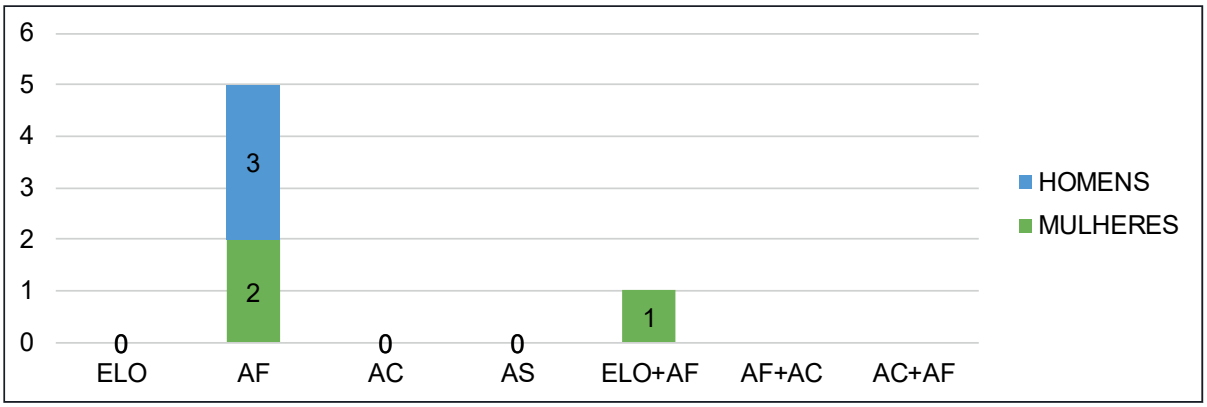


Fonte: Menezes (2021).

A taxe de maior ocorrência no terceiro período foi a AF, com três representantes do gênero masculino e com duas do feminino. A taxe de empréstimo de língua oral + aspecto físico (ELO+AF) apresentou uma ocorrência para o gênero masculino e uma para o gênero feminino. Não apareceram motivações de outras taxes no terceiro período.

A distribuição das taxes no 5° período do Curso de Letras-Libras da UFAC pode ser visualizada no Gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6: Taxes do 5° Período

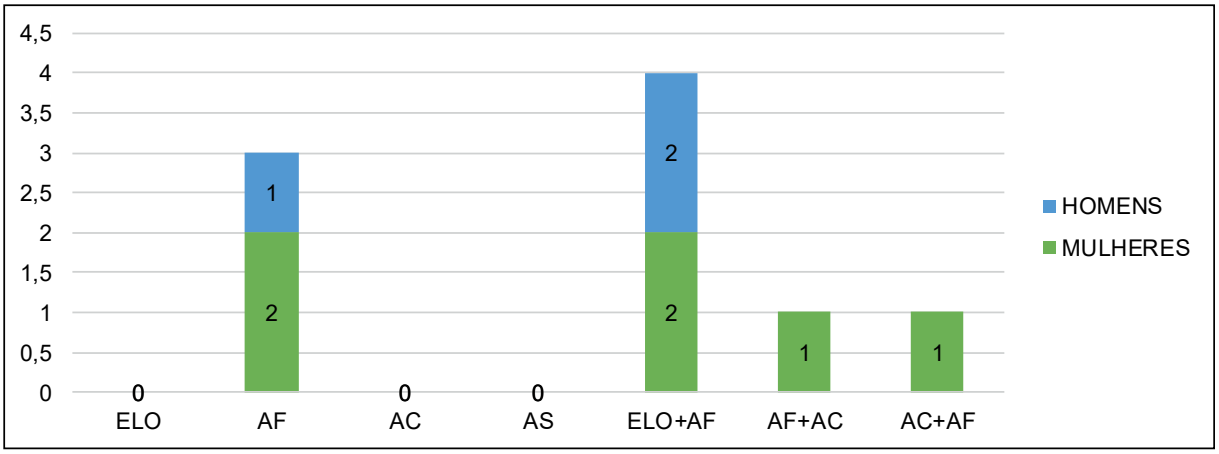


Fonte: Menezes (2021).

Observe-se que, no quinto período, os resultados são semelhantes ao do terceiro, com três homens e duas mulheres que tiveram como fator motivacional de seus sinais o aspecto físico (AF), e uma mulher, com o empréstimo de língua oral + aspecto físico (ELO+AF). Os dados referentes ao quinto período não apresentaram outras taxes.

No Gráfico 7, a seguir, ilustra a somatória das taxes no 7º período:

Gráfico 7: Taxes do 7º Período



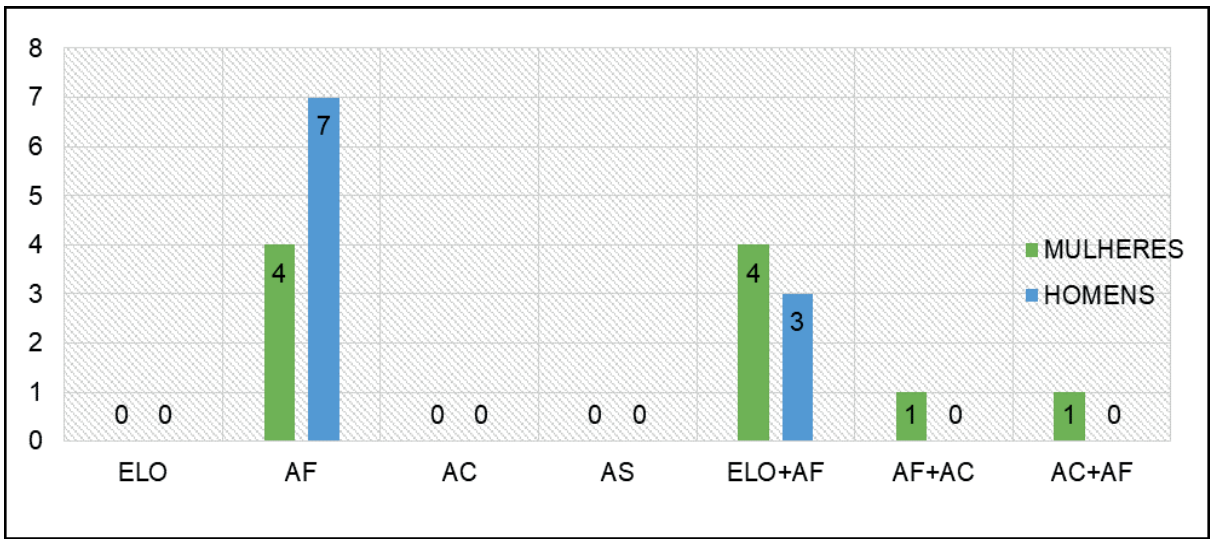
Fonte: Menezes (2021).

O sétimo período foi o que apresentou a maior diversificação quanto aos aspectos motivacionais dos sinais-nome. A taxe mais representativa foi o empréstimo de língua oral + aspecto físico (ELO+AF) de dois homens e duas mulheres com sinais motivados por essas características. A segunda que mais apareceu foi a taxe do aspecto físico (AF) que teve um homem e duas mulheres e com o mesmo quantitativo. Para uma mulher, as taxes do aspecto físico + aspecto comportamental (AF+AC) e aspecto comportamental + aspecto físico (AC+AF).

Observamos, ainda, a distribuição quantitativa dos aspectos motivacionais com relação ao sexo, como ilustrado no Gráfico 8, a seguir:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

Gráfico 8: Distribuição das taxes de acordo com o sexo



Fonte: Menezes (2021).

A quantidade de informantes do gênero feminino e masculino foram distribuídas na mesma proporção (10 entrevistados de cada gênero). O Gráfico 8 evidencia que o aspecto físico está presente em ambos os gêneros, seja isoladamente ou em combinação com outras taxes. Podemos inferir que o aspecto físico, nesta pesquisa, não é uma motivação específica de nenhum gênero específico.

Os sinais-nome tiveram como maior motivação entre os dois gêneros a taxe aspecto físico (AF), com sete homens e quatro mulheres. Em seguida, as taxes combinadas empréstimo de língua oral + aspecto físico (ELO+AF), com quatro mulheres e três homens. Por fim, as taxes aspecto físico + aspecto comportamental (AF+ AC) e aspecto comportamental + aspecto físico (AC+ AF), há uma mulher em ambas as taxes. Podemos notar que há uma maior diversificação da motivação entre os sinais-nome das mulheres com um maior número de taxes AF, ELO+ AF, AF+ AC e AC+ AF. Já entre os homens, verificamos apenas duas taxes, AF e ELO+ AF. Não houve sinais motivados por outras taxes.

Por fim, apresentamos a Tabela 1 por meio da qual é possível visualizar a proporção geral das taxes, subtaxes e infrataxes e a sua predominância quantitativa:

Tabela 1: Distribuição geral das taxes

TOTAL GERAL				
TAXES	3º Período	5º Período	7º Período	TOTAL
ELO				0
AF	04	05	02	11
AC				0
AS				0

continua

TOTAL GERAL				
TAXES	3º Período	5º Período	7º Período	TOTAL
ELO+AF	01	01	05	07
AF+AC			01	01
AC+AF			01	01
TOTAL	06	06	08	20

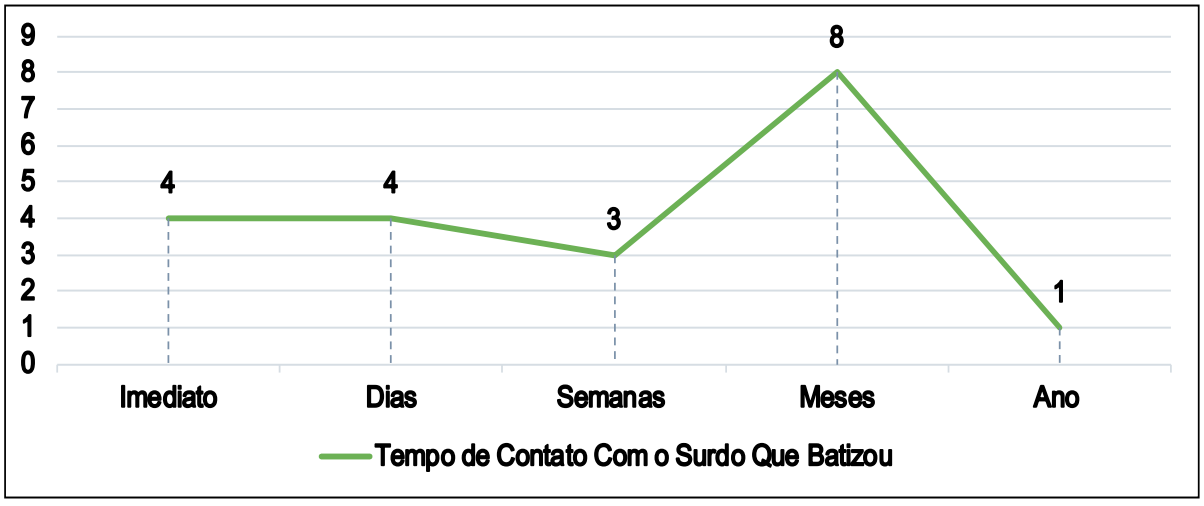
Fonte: Menezes (2021).

Como apresentado na Tabela 1 (e mostrado, anteriormente, no Gráfico 1), a taxe AF detém a maior quantidade na motivação utilizada pelos surdos ao nomear ouvintes do curso de Letras-Libras da UFAC, totalizando 55%. Em seguida, a taxe ELO+AF representa 35%, a taxe AF+ AC corresponde a 5% e, com o mesmo percentual de 5% temos a taxe AC+AF.

Vale destacar que as taxes ELO, AC e AS não apareceram isoladamente nesta pesquisa com a motivação utilizada pelos surdos. Elas foram utilizadas em combinação com a taxe AF.

Por fim, perguntamos aos participantes da pesquisa sobre o tempo de contato que tiveram com os surdos que os nomearam para que pudéssemos verificar se as escolhas das taxes estavam relacionadas com o tempo em que os surdos e ouvintes se conheciam. Os resultados podem ser vistos no Gráfico 9, a seguir:

Gráfico 9: Tempo de contato com os surdos



Fonte: Menezes (2021).

Consideramos o tempo de contato imediato como aquele que ocorre quando o surdo conhece o ouvinte, na hora do batismo e lhe atribui um sinal. Dos vinte entrevistados, quatro informaram que tiveram um contato imediato. Interessante que os entrevistados informaram dias de contato variando entre um e seis dias. Quatro participantes,

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

por exemplo, informaram que tiveram contado dias antes de receber o sinal (sem informar com exatidão a quantidade). Três pessoas participantes informaram que tiveram contato de semanas (a quantidade de semanas variaram de uma a três).

Com relação a meses de contato, oito deles disseram que tiveram alguns meses entre conhecer o surdo e ser batizado, e a quantidade de meses também variam de um, dois, três, quatro, seis e oito meses os meses. Esse foi o tempo o que mais apareceu entre os informantes. Já referente ao período de anos de contato, apenas um participante entrevistado afirmou que teve um tempo de contato maior que um ano até receber seu sinal.

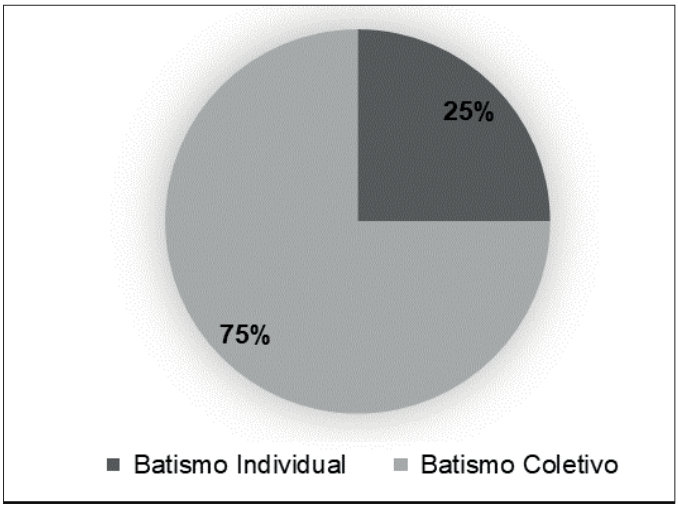
Com base nos dados, nota-se que a maioria dos entrevistados tiveram pouco tempo de contato com os surdos que os batizaram. O tempo imediato até semanas soma um total de onze pessoas, e dessas, nove têm como motivação no seu sinal a taxe AF, e duas a taxe ELO+ AF. Quanto ao tempo de contato de meses, dos oito informantes, quatro têm o sinal motivado pela taxe ELO+ AF, dois têm a taxe AF, um tem a taxe AF+AC e um tem a taxe AC+ AF. O informante com o maior tempo de contato (um ano) tem como motivação a taxe ELO+AF. Portanto, é possível que o tempo de contato do surdo nomeador com o sujeito nomeado pode interferir na escolha do sinal.

Souza e Gediel (2017) também pesquisaram a respeito do tempo de contato em sua pesquisa e relatam que uns dos surdos entrevistados considera que nomear não deve ser um processo rápido. "O processo de nomeação não é rápido, pode demorar em torno de seis meses para se chegar a um consenso sobre a criação de um sinal para uma pessoa." (SOUZA; GEDIEL, 2017, p. 175). Outro informante surdo diz que, quando alguém pede um sinal, se faz necessário um tempo para observar suas características para não ter que fazer uso da primeira letra do nome em português no sinal.

Além disso, perguntamos qual o contexto em que esses alunos receberam seus sinais e dividimos esses momentos em Batismo individual e Batismo Coletivo:

> Batismo Individual, ou seja, o batismo em que o surdo nomeia apenas uma pessoa. Na maioria das vezes, o surdo tem um tempo maior de contato com o sujeito nomeado, sendo possível observá-lo melhor, pode ter uma relação mais profunda, se conhecem a mais tempo, são amigos ou parentes.
>
> Batismo Coletivo, ou seja aquele que ocorre com mais de uma pessoa. Normalmente são realizados em cursos de Libras nos níveis básico, intermediário ou avançado, em curso de intérprete ou no curso de Letras-Libras, em que grupos de pessoas recebem seu sinal-nome. Se não houver um surdo nesse ambiente, outro é convidado para dar o sinal. O surdo tem um tempo de contato menor com o sujeito nomeado e, muitas vezes, o conhece no dia do batismo. O contexto em que o participante recebe seu sinal (é batizado) pode ser visualizado no Gráfico 10, a seguir:

Gráfico 10: Contexto de batismo



Fonte: Menezes (2021).

O Gráfico 10 mostra que 25% dos informantes responderam que seu batismo foi individual (5 pessoas) em contextos informais e mais espontâneos, com surdos que, muitas vezes, já eram do seu convívio e mantinham uma relação mais longa – como mostramos em Menezes (2021). Quanto ao batismo coletivo, 75% dos informantes (15 pessoas) receberam o seu sina-nome em um momento reservado especificamente para o batismo, realizado principalmente nos cursos de Libras (cursos básicos) e/ou nos cursos superiores de Letras-Libras, com o sinal dado pelos surdos a várias pessoas no mesmo dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, ao longo desta pesquisa, a estreita relação entre léxico e cultura. Quando pensamos na cultura surda, é clara a relação da visualidade na constituição do universo lexical. Por meio da análise do léxico antroponímico em Libras apresentada nesta pesquisa foi possível perceber que o fator motivacional mais utilizado pelos surdos ao nomear os ouvintes do curso de Letras Libras foi o Aspecto Físico (AF), com 55% dos sinais coletados. Em segundo lugar, o Empréstimo de Língua Oral + Aspecto Físico (ELO+ AF), com 35%. Em seguida, o Aspecto Físico + Aspecto Comportamental (AF+ AC) foi contabilizado em 5%. Com o mesmo quantitativo, o Aspecto Comportamental (AC) + Aspecto Físico (AC+AF) somou 5%.

A taxe AF esteve presente em todas motivações, seja isoladamente ou em combinação com outras taxes, destacando características como o formato do cabelo, o formato das bochechas, a presença de sinal, entre outras. Provavelmente essa predominância da taxe AF ocorre pelo fato de a experiência visual dos surdos ser preponderante e fundamental nos primeiros contatos do surdo para a ato do "batismo". Isso foi possível verificar nas informações passadas nas entrevistas, mostrando que o tempo de contato do surdo com o sujeito nomeado, em sua maioria, foi imediato, entre dias ou semanas, totalizando 11 sinais.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

Além disso, neste estudo verificamos que 75% dos entrevistados informaram que seu batismo foi coletivo, ou seja, mais pessoas ganharam seu sinal-nome no mesmo dia em um momento específico para o batismo, e apenas 25% tiveram seu batismo individual, conheciam o surdo a mais tempo e mantinham uma relação.

O léxico de uma língua constitui um vasto campo de pesquisas e proporciona uma aproximação entre o linguístico, o cultural e o identitário. O estudo aqui apresentado evidencia como a cultura surda, essencialmente visual, está refletida no ato de nomeação de pessoas. Ao atribuir um sinal-nome, o nomeador se vale de características físicas, comportamentais, sociais do sujeito a ser "batizado" e/ou de empréstimos de letras de seu nome em língua oral – como mostraram os dados analisados. O estudo não se esgota aqui. Outras pesquisas devem se somar às que já foram realizadas, em outras comunidades surdas – envolvendo e comparando os sinais-nome de ouvintes e de surdos, para que possamos delinear e descrever, com mais precisão, o fenômeno antroponímico em Libras.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E. T. R; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoas**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos sinais--nomes. **Revista RE-UNIR,** v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa,** São Paulo, v. 1, n. 2, 1998, p. 81-118. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Acesso em: 22 maio 2021.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 13-22.

BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências, Brasília, DF, abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 3 set. 2020.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antroponímia do Brasil:** coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

FERREIRA-BRITO, L. **Similarities and diferences in two sign languages. Sign Language Studies.** v. 42, n. 1, p. 45-46. Silver Spring: Linstok Press, 1984.

FERREIRA-BRITO, L. **Epistemic, alethic, and deontic modalities in a Brasilian Sign Language.** In: FICHER, S. D; SIPLE, P. (Eds.). **Theoritical Issues in Sign Language Research.** Chicago: University of Chicago Press, 1990.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

MENEZES, Ketlen Cristina dos Santos Oliveira. **Antroponímia em Libras**: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco: UFAC, 2021.

OLIVEIRA, G. C. S. **et al.** O **signwriting** (escrita de sinais) como proposta de registro escrito do sinal-nome/pessoa em libras. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological, [S. l.]**, v. 7, n. 2, p. 661–672, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3375 Acesso em: 7 maio. 2021.

QUADROS, R. M. Contextualização dos Estudos Linguísticos sobre a Libras no Brasil. **In:** QUADROS, R. M.; STUMPF. M. R.; LEITE. T. A. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I.** Florianópolis: Editora Insular, 2013.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 45 – 65 | set/dez 2021

QUADROS, R. M. **Libras.** São Paulo: Parábola, 2019.

RECH, G. C; SELL, F. S. F. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. **Onomástica desde América Latina,** v. 1, n. 2, p. 67-81, 2020. Disponível em: ‹http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25446›. Acesso em: 10. fev. 2021.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Florianópolis:UFSC/PPGLI, 2019.

SOUSA, A. M. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. In: ISQUERDO, A. N. **Toponímia urbana**. Estudos. Campo Grande/MS: EDUFMS, 2021 (no prelo).

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex.,** Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7-22, jul./dez. 2017, Disponível em: ‹http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813/28666›. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOUSA, A. M; OLIVEIRA, G. C. S; GONÇALVES FILHO, J. S. T; QUADROS, R. M. Antroponímia em línguas de sinais: os sinais-nome de Florianópolis, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação,** v. 7 n. 26, p. 112-124, 2020. Disponível em: ‹https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598›. Acesso em: 11 maio 2021.

SOUZA, I. L.; GEDIEL, A. L. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 1, p. 163–185, 2017. Disponível em: ‹https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8650767›. Acesso em: 30 jul. 2021..

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

RECEBIDO: 05/07/2021
ACEITO: 16/03/2022